

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

ROSINEIDE ESPINDOLA LIMAS

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A EQUIDADE DE GÊNERO
NA ESCOLA OLAVO BILAC EM JOINVILLE/SC**

**FLORIANÓPOLIS
2016**

ROSINEIDE ESPINDOLA LIMAS

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A EQUIDADE DE GÊNERO
NA ESCOLA OLAVO BILAC EM JOINVILLE/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Especialista em Gênero e Diversidade na
Escola (GDE).

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Cavilha
Mendes Losso

FLORIANÓPOLIS
2016

ROSINEIDE ESPÍNDOLA LIMAS

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA
OLAVO BILAC EM JOINVILLE/SC

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

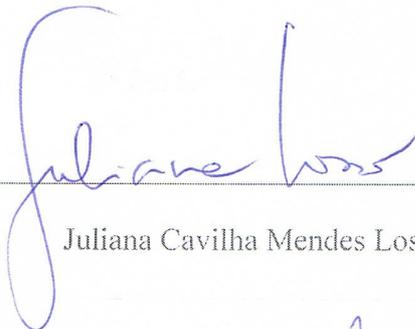
Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

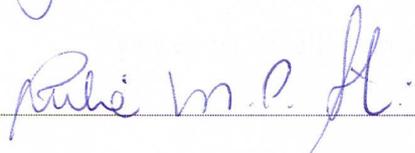


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Juliana Cavilha Mendes Losso



Julia Mara Pegoraro Silvestrin



Cláudia Regina dos Anjos

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Limas, Rosineide Espindola

O ensino da língua inglesa e a equidade de gênero na
escola Olavo Bilac em Joinville-SC / Rosineide Espindola
Limas ; orientadora, Juliana Cavilha Mendes Losso -
Florianópolis, SC, 2016.

49 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Ciências Humanas. 3. Ensino da língua inglesa. 4.
Equidade de gênero. 5. Políticas públicas. 6. Gênero na
Escola. I. Losso, Juliana Cavilha Mendes. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola.
III. Título.

Dedico este trabalho a Maria Espíndola e Renato Limas, meus pais que me deram todo o incentivo para a conclusão deste trabalho, cujo o estudo ajudou a entender melhor o meu cotidiano profissional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me dar a oportunidade de ter esta vida tão maravilhosa.

A meus pais que apesar de não terem estudados, me incentivaram nos meus estudos com muito amor.

A meus colegas José Augustinho, Joice e Osmar que me deram apoio e força para continuar o curso.

A professora Cláudia dos Anjos, que incentivou com palavras carinhosas e otimistas.

A todos os professores do curso GDE, que participaram da minha caminhada e contribuíram para a minha experiência profissional.

A minha orientadora Profa. Dra. Juliana Cavilha Mendes Losso, que teve uma importância significativa para que eu pudesse concluir este trabalho.

Aos colegas de turma, pois novas amizades foram conquistadas e discussões proveitosas.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

“O olhar sobre a diferença e a desigualdade orienta nossas práticas, principalmente como docentes, pais ou mães, e neste sentido meninos e meninas são educados, desde cedo, para que suas ações correspondam modelos predeterminados e mutuamente excludentes, do que é ser homem ou mulher.”

(Carlos Castilho Wolff)

RESUMO

Este estudo objetiva verificar questões relacionadas ao ensino da Língua Inglesa numa escola pública da cidade de Joinville/SC. Pretende-se com esta pesquisa analisar a relação entre a aprendizagem de um idioma e as questões de gênero, e como a perspectiva de ensino/aprendizagem de um outro idioma, pode promover no espaço escolar a equalização da perspectiva de gênero.

Como metodologia utilizei a abordagem qualitativa de campo em que foram levantadas informações sobre a rotina dos e das alunas, e que tais dados servirão como indicador para conhecer a desigualdade existente.

As discussões realizadas e depoimentos de alguns (as) sobre sonhos, trabalho e realizações de atividades domésticas, foram enriquecedoras para a formatação desse trabalho.

Desse modo, foi possível analisar que os (as) alunos (as) em pauta são influenciados(as) pela necessidade de ter uma vida melhor e desta forma, dão importância ao aprendizado da Língua Inglesa.

Palavras-chave: Educação. Língua inglesa. Equidade de gênero

ABSTRACT

This study objective to verify issues related to English Language teaching in a public school in the city of Joinville/SC. This research intends to analyze the relationship between learning a language and gender issues, and as the prospect of teaching/learning another language can promote the school space to equalize the gender perspective.

I will use as methodology the qualitative approach field in which were collected informations about the routine of students and that such data will serve as an indicator to know the existing inequality.

The discussions and testimonies of some about dreams, work and accomplishments of domestic activities were enriching for the formatting of this work.

Thus, it was possible to analyze that the students in question are influenced by the need to have a better life and, therefore, give importance to the learning of the English Language.

Keywords: Education. English language. Gender equity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Mapa Bairro Pirabeiraba	27
Figura 2- Mapa da cidade de Joinville	28

LISTA DE TABELAS

Quadro 1- Masculino	19
Quadro 2- Feminino	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Quais são seus sonhos	33
Gráfico 2- Qual a importância do Inglês para você	33
Gráfico 3- Distribuição de tarefas na sua casa	34
Gráfico 4- Quais são seus sonhos	36
Gráfico 5- Importância do Inglês.....	36
Gráfico 6- Qual a importância do Inglês para você-Percentual	37
Gráfico 7- Distribuição de tarefas na sua casa	38
Gráfico 8- Distribuição de tarefas na sua casa- Percentual.....	38
Gráfico 9- Menina x Menino	40

GLOSSÁRIO

IPPUJ:	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville
MPV:	Medida Provisória
PCN:	Parâmetro Curriculares Nacionais
PNATE:	Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar
PPP:	Projeto Político-Pedagógico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	17
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
1.1 Ensino da Língua Inglesa e a Equidade de gênero	17
1.2 Gênero na Escola	18
1.3 Políticas Públicas	22
CAPÍTULO 2	25
2 METODOLOGIA	25
2.1 Contexto de Pesquisa.....	26
2.2 Participantes do Estudo	29
2.3 Coleta de Dados	29
CAPÍTULO 3	32
3 ANÁLISE DOS DADOS	32
3.1 Descrição e Análise dos Dados obtidos com os alunos.....	32
3.2 Resultados.....	36
3.3 Cuidados Éticos.....	40
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Questionário	46
APÊNDICE B – Oficina	47
ANEXO A – Carta de aceite.....	49

INTRODUÇÃO

Em razão da necessidade de se comunicar; cada vez mais buscamos aprender novos idiomas, e face à globalização, o inglês passou a ser considerado língua universal, conforme citação abaixo:

A língua inglesa está inserida na revolução global onde centenas de milhões de pessoas aprendem o inglês. O inglês é a principal língua do comércio, tecnologia, comunicação, ciência, conferências acadêmicas, negócios, entretenimento, aeroportos e controle de tráfego aéreo, diplomacia, rádio, jornais, livros, esportes, turismo, competições internacionais, música pop, propaganda, etc. Oitenta por cento das informações mundiais armazenadas por vias eletrônicas está escrito em inglês, mais de quarenta milhões de usuários da internet, em torno de oitenta por cento se comunica em inglês. (FREITAS, 2010 p. 03).

E essa globalização de povos distintos, torna-se fundamental principalmente a partir do surgimento da internet, fazendo com que o ensino de outras línguas ganhe destaque, e, assuma um papel importante no contexto social, econômico e cultural. Isto faz com que se busque cada dia mais novos idiomas e um deles é o estudo da Língua Inglesa.

No entanto, tal aprendizado não é um processo tampouco fácil, muito menos rápido. Pois para que isso aconteça, exige-se dedicação e esforço do/da aprendiz. E, ao que diz respeito ao ensino de língua inglesa nas escolas públicas, as dificuldades enfrentadas são maiores, pois esbarramos no contexto social específico, vivenciados por esses estudantes.

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais. (PCN,2006, pg. 97)

E de acordo com as últimas reformas na legislação brasileira, a MPV 746/2016 (MEDIDA PROVISÓRIA) 22/09/2016, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei: Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: § 5º. O currículo do ensino fundamental, é ofertado a língua inglesa a partir do sexto ano.

Hoje na Escola Pública o idioma estudado é somente o inglês, sendo que conforme legislação, no ensino fundamental (6º ao 9º) três vezes por semana, totalizando 01h 30 minutos.

Considerando o exposto, entende-se que a necessidade do aprendizado da língua inglesa pode ser uma chave para uma equidade de gênero, numa análise feita entre meninos e meninas. Uma vez que essa pesquisa abre porta para horizontes com reais possibilidades, desconstruindo padrões engessados socialmente, principalmente com relação a discriminação de gênero e levando a reavaliar projetos de vida destes / destas alunos e alunas.

As dificuldades encontradas no processo ensino aprendizagem da língua inglesa nas escolas, mediante a caracterização entre o que os meninos e as meninas devem fazer, e a execução das tarefas domésticas por exemplo, revelam as relações sociais de gênero envolvidas presentes em seu cotidiano.

Para entender melhor tais diferenças que estão atreladas às engrenagens sociais vivenciadas pelo(a) aluno(a), foi realizada uma observação sobre tal realidade, e inspirando reflexões a partir dessas atividades em sala de aula.

Essa pesquisa opera no sentido de uma transformação do sujeito e a maneira de entender o(a) outro(a) na escola, com respeito e tolerância. A menina tem que desconstruir essa ideia de olhar o mundo "pela janela da cozinha" e o menino por meio de um "campo de futebol".

Tais janelas dos horizontes precisam ser realocadas, precisam ser enxergadas com outras lentes. As lentes do livre arbítrio e a escola tem o papel fundamental para esse diferente olhar.

O desenvolvimento de minha pesquisa foi baseado em questionário, oficina e vídeo para a partir disso, ter um esboço da realidade desse aluno¹.

No primeiro dia de observação pude perceber um desinteresse no aprendizado da língua Inglesa, razões não só por ser uma sala agitada, o que impediu às vezes que alguns(mas) alunos(as) questionassem algumas dúvidas, mas talvez pela questão de gênero e classe social, conceito trazido do seu cotidiano.

Os diferentes sistemas de gênero – masculino e feminino – e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres. Não faltam exemplos demonstrativos de que a hierarquia de gênero, em diferentes contextos sociais, é em favor do masculino. De onde vêm as afirmações de que as mulheres são mais sensíveis e menos capazes para o comando. A ideia de “inferioridade” feminina foi e é socialmente construída pelos próprios homens e pelas mulheres ao longa da história. (CARRARA,2009, p.39).

E são essas divisões interseccionais que geram essas diversas opressões

¹ 6º. Ano 3 período Vespertino da Escola Olavo Bilac –Distrito de Pirabeiraba-Joinville-SC

conceituadas e socialmente construídas.

Este trabalho tem como objetivo entender o quanto o aprendizado da língua inglesa pode abrir caminhos dos(as) alunos(as) do 6º Ano da Escola pública Olavo Bilac, em função de exemplos citados, inclusive com relação minha trajetória de vida² e, também, analisar que tal desigualdade de gênero, ainda velada, geraria um desinteresse por parte de alguns(as) alunos(as), dificultando o processo ensino aprendizagem, e a partir desse entendimento, contribuir para que o ensino seja mais eficiente e eficaz.

² Sou graduada em Letras pela Univille - Joinville-SC, no entanto, trabalhei em empresa privada por 20 (vinte) anos, e durante 7 (sete) anos morei nos Estados Unidos, onde pude pluralizar meus conceitos de uma língua estrangeira, no caso o Inglês.

CAPÍTULO 1

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo vou apresentar a questão do aprendizado do idioma Inglês e como o mesmo influencia na temática de gênero. Na sequência uma reflexão sobre gênero na escola como processo relevante e por último, como as políticas públicas influenciam sobre esse tema.

1.1 Ensino da Língua Inglesa e a Equidade de gênero

O Ensino da Língua Inglesa está fundamentado em um caminho para a desconstrução de conceitos de gêneros nas Escolas Públicas. Por experiências e algumas leituras adquiridas face ao curso do GDE, e por esse tema ser objeto de sala de aula que culmina com o meu trabalho, uma vez que o ensino permite a construção e desconstrução de igualdade de gênero. Que a escola possa oferecer para essa menina, outras formas de lutas por seu interesse, além daquilo que ela imagina. O ensino do inglês nesse sentido vem desconstruir esse modelo de gênero pré-estabelecido, como por exemplo: o que menina deve ou não fazer, sem nenhum tipo de reflexão. Porque a menina não grita dentro desse padrão; qual o modelo de feminino e masculino que essas escolas operam; modelo branco; heterossexual; mulheres são maternais, cuidadoras.

Verifiquei também nas leituras de algumas resenhas, debates e artigos, informações para me apropriar melhor sobre o tema Equidade de Gênero, pois minha experiência como docente “na educação³”, é pequena.

As dificuldades encontradas no processo ensino aprendizagem da língua inglesa nas escolas, mediante a caracterização entre o que os meninos e as meninas devem fazer, e a execução das tarefas domésticas, revelam as relações sociais de gênero envolvidas presentes em seu cotidiano.

Este trabalho foi de extrema importância para o entendimento e contribuiu para o direcionamento dos meus estudos, com relação a problematização do desinteresse da língua inglesa e deu suporte para a linha de pesquisa, "Diante de tal fato, com o ensino de Língua

³ Minha atuação como docente está centrada no Ensino Médio desde 2011. No entanto, este ano estou trabalhando também com o Ensino Fundamental (séries finais).

Inglesa (LI) nas escolas públicas no ensino fundamental os professores deveriam inserir atividades voltadas para realidades dos alunos de acordo com o grau de motivação encontradas na sala de aula". (MAIA, 2012, p. 25).

Nessa perspectiva, um estudo bastante pertinente foi com relação às necessidades dos alunos(as) conforme descrito abaixo, o qual me fez ponderar sobre as dificuldades encontradas para que houvesse o aprendizado, neste caso o ensino da Língua Inglesa, no 6º. Ano 3 da Escola Pública Olavo Bilac, localizada no distrito industrial na cidade de Joinville.

Desse modo, a pesquisa procura descobrir quais as reais necessidades através da visão dos alunos e o que consideram mais importante para o ensino de Inglês e a partir dessa análise tenta encontrar meios para amenizar tais necessidades. Nesse sentido, analisar as necessidades dos alunos, relacionando-as às práticas dos professores representa uma possibilidade de entender uma das possíveis causas para tantos problemas enfrentados por professores e alunos envolvidos nesse processo de ensino aprendizagem. Portanto, foi possível analisar que as principais necessidades dos alunos estão relacionadas às práticas de ensino utilizadas pelo professor. (SOUZA, 2012, p.02).

Assim, o(a) professor (a) é o condutor para novas experiências, pois é ele quem oferta possibilidades de projetos de vida nos (as) alunos(as), dá exemplos e possibilita esse aluno (a) a idealizar seus sonhos e conquistas.

1.2 Gênero na Escola

A discussão sobre gênero nas escolas, a capacitação dos profissionais da educação, o apoio às famílias e a reestruturação do currículo, são mediadores para que haja realmente um espaço democrático dentro do cotidiano escolar. É discutindo sobre a problemática do tema, que a escola tem o dever de proporcionar um espaço de respeito às diferenças e a característica individual de cada um(a).

Para as autoras Mareli Graupe e Regina Bragagnollo (2015, pg. 15) a escola “[...], deve possibilitar um espaço pedagógico plural, que priorize uma educação na qual educandas/os não sejam reprodutoras/es de papéis impostos por uma sociedade que reforça um único padrão a ser respeitado.”

Tal importância da discussão das questões de gênero no cotidiano escolar se dá, haja vista ainda ser o espaço mais democrático. Pois é nesse espaço que as desigualdades; as discriminações e outras questões são evidenciadas e visibilizadas.

Ainda, De acordo com as pesquisadoras Mareli Graupe e Regina Bragagnollo (2015, p.12), "pensar em gênero e escola é considerar construção e desconstrução, lutas, interesses, necessidades, como também conquista da educação como um direito intransferível do cidadão, da cidadã. [...]."

No entanto tais questões são silenciadas no cotidiano escolar quando constatadas, visto que enfrentamos um grande tabu, em que alguns(as) colegas professores(as) carregam toda uma carga construída a partir de princípios solidificados ainda na sua infância, provenientes de uma construção social padronizada, tornando-os inflexíveis à mudanças, como por exemplo:

Quando falo de frases prontas, tenho que lembrar que a sociedade é construída de conceitos de expectativas de um ideal, e esse ideal é repassado de pai para filho(a), da escola para o(a) aluno(a), trata-se de um ensinamento cultural, de atitudes e escolhas ligadas aos valores morais e sociais, os quais são projetados, ditando inconscientemente suas atitudes "você tem que falar mais baixo, pois para uma menina é feio gritar "; "você parece um menino gritando"; "tenha postura de menina, ande mais devagar"; "quem corre é menino"; "Vira homem, moleque"; "Menino não chora"; "Isso é coisa de menina"; "Engole o choro"; "Você tem que dar a sua palavra de homem"; "Você já é um homem, não pode fazer isso"; "Pára com isso, parece mulherzinha"; "Se você fizer tal coisa, pinto o seu quarto de rosa"; "Fala direito, engrossa essa voz"; "Se chorar todo mundo vai achar que você é covarde"; "Você tem que ser forte, já é o homem da casa"; "Para de ser fresco e faz o que tem que fazer."

Quadro abaixo mostra o quão ainda se perpetua tal atitude de "o que se diz", e "o que se quer dizer":

Quadro 1- Masculino

O que se diz	Exemplos de frases construídas socialmente
"Vira homem, moleque"	Homem não chora
"Menino não chora"	Chorar é pra mulher
"Isso é coisa de menina"	Menino é forte
"Engole o choro"	Menina que chora
"Você tem que dar a sua palavra de homem"	Homem é quem manda
"Você já é um homem, não pode fazer isso"	Menino não chora
"Pára com isso, parece mulherzinha"	Menino não é sensível
"Se você fizer tal coisa, pinto o seu quarto de	Menino não é sensível

rosa”	
“Fala direito, engrossa essa voz”	Menino não pode falar delicado
"Se chorar todo mundo vai achar que você é covarde"	Menino não pode chorar
"Você tem que ser forte, já é o homem da casa"	Menino quem manda em casa
"Para de ser fresco e faz o que tem que fazer"	Menino tem que ser forte

Quadro 2- Feminino

O que se diz	Exemplos de frases construídas socialmente
“Você tem que falar mais baixo”	Menina não pode gritar
“Você parece um menino gritando”	Isso é coisa de menino
“Tenha postura de menina, ande mais devagar”	Menino é que anda rápido
“Senta que nem mocinha”	Menino que senta de perna aberta
“Que linda já pode casar”	Menina tem saber arrumar a casa
“Desse jeito vai ficar para titia”	Menina deve casar cedo
“Menina não fala palavrão”	Menino que fala palavrão

Minha experiência na escola, assim como o trabalho nesse 6º. ano, fizeram eu observar durante o recreio monitorado, frases mencionadas por alguns(mas) colegas professores(as) a um determinado grupo de meninos, sugerindo repreensões de se colocar aquele menino numa performance de um masculino e o mesmo com relação as frases direcionadas a algumas meninas, também numa performance discriminatória, nesse caso características consideradas femininas.

Saliento que frases acima foram obtidas durante o intervalo do recreio monitorado e relatadas também por alguns(mas) meninos e meninas, os(as) quais alegam que escutam além da escola, também de seus familiares e ou amigos(as).

Quando é mencionado “menina não fala palavrão”, logo vem a mente que o menino pode chamar palavrão mas menina não, ou na frase “desse jeito vai ficar para titia”, sugere uma punição para a menina o fato de não se casar .

Essas frases deverão ser repensadas e modificadas, pois as mesmas foram construídas dentro de um padrão preconceituoso e discriminatório.

Meninos e meninas devem aprender desde cedo, seja na relação de sua casa, no dia a dia e na escola que mesmo sendo diferentes têm os mesmos direitos que os meninos.

Ficou explícito o quanto os (as) mesmos (as), carregam estereótipos do que é ser menina e ou menino. Esses padrões culturais do cotidiano refletem em atitudes, que são

ainda de alguma maneira, são fomentadas na escola. E é nesse meio “escola”, que existe a união e propagação de diversas culturas. Então como desconstruir essa “padronização”.

A escola é formativa e é o lugar para que haja transformação por meio da informação, só que permanece engessada por parte de alguns colegas docentes e principalmente pelo Estado, fazendo com que o(a) aluno(a) sintam-se excluído nesse espaço que prega a formação de valores e caráter, por meio do conhecimento.

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. (PCN, 2000, p.321, 322)

O que significa dizer que, quando o(a) docente vai para o espaço escolar não consegue desconstruir essa padronização e enxerga o sujeito como homogêneo, sem diferenças.

Entendo que gênero é uma construção social, e que as discriminações partem dessa construção, adquirida desde o nascimento e imposta por uma cultura cercada de conceitos totalmente preconceituosos.

Temos que nos atentar o que fazer, para que nossa sociedade seja de fato construída em cima de respeito à diferenças, respeito ao ser humano.

A concepção de igualdade deve estar realmente presente nas aulas, meninos e meninas deveriam vivenciar as mesmas práticas, discutindo e entendendo a questão das diferenças e buscando as melhores soluções.

Conforme Wolff, (2006, p.14), “(...) a relação analítica entre gênero, infância, criança e escola poderão fornecer discussões interessantes para as diferentes áreas de conhecimentos, em especial para aquelas e que buscam compreender as ações individuais e coletivas.”

Ainda, de acordo com Mareli Graupe e Regina Bragagnollo (2015, p. 12),” a escola não pode negar-se à reflexão e discussão de situações do cotidiano, dentre elas as desigualdades de gênero e a diversidade sexual, e necessita estar aberta a ouvir a demanda de alunas/os e professoras/es.”

Desse modo, verifico então, que os(as) alunos(as) precisam ser ouvidos(as) e esclarecidos(as) com relação às questões de gênero, para que haja uma educação mais pluralizada e desvincilhada de padrões machistas.

Em alguns momentos durante o recreio pude observar o quanto os alunos (meninos), ainda comentam a forma como uma menina se veste, ou anda, demonstrando preconceito e principalmente no horário de educação física, quando a escalação é só de meninos para a prática esportiva do futebol. A experiência revelada a partir desta minha atuação profissional, como, por exemplo, todas as segundas feiras faço o recreio⁴ monitorado, e nesse momento posso observar conversas entre eles(as), sobre as aulas de educação física. Um dia desses um menino falou que uma determinada menina era popular na escola, pois vinha toda “fashion” (roupa da moda) para a escola⁵.

Nessas rodas de conversa os meninos ainda preservam atitudes herdadas por uma educação machista. Pois os mesmos excluem as meninas de conversas com relação a futebol e vídeo games, pois eles têm dificuldade em lidar com a diferença.

E, eu como educadora devo refletir tais questões, como por exemplo, dificuldades que os meninos têm em deixarem as meninas jogarem bola⁶, ou dos mesmos analisarem uma menina pela forma como se veste, e a partir destes exemplos, tentar desconstruir esse padrão patriarcal, de desigualdade social e de gênero, que interferem na construção do gênero, que ainda continua presente no ambiente escolar.

1.3 Políticas Públicas

Para falar de políticas públicas também preciso me basear em um contexto histórico e internalizar todo o movimento de mulheres para a conquista de direitos.

Os movimentos sociais começam aparecer em virtude a inquietações por parte de algumas mulheres, e aí começa a grande batalha pela igualdade de gênero, sem discriminação. Dentre muitas conquistas como a luta pelo direito do voto feminino, “[...] a conquista do acesso à educação, o ingresso nos cursos superiores representou a batalha mais árdua”

⁴ O intervalo acontece no período Matutino: 09h:45 às 10:00h e no período Vespertino 15h:15 até às 15h:30.

⁵ Na escola que trabalho é adotado o uso obrigatório do uniforme, sendo camiseta cinza com o emblema da escola e calça azul marinho ou jeans e é obrigatório para todos os alunos(as). No entanto, há alguns casos de meninos(as) que, às vezes vêm com roupas de passeio (calça jeans, camiseta colorida, bermuda, shorts, blusa colorida, leggings).

⁶ No Brasil o Futebol masculino possui mais prestígio como esporte masculino, ficando as meninas mais com o Handball ou outros esportes.

(GROSSI; GARCIA; MAGRINI, 2015, p.15), pois até então era privilégio somente dos homens.

As políticas públicas são um ponto importante para o meu trabalho, pois elas dão suporte para que eu consiga desenvolver o estudo sobre a relação entre a aprendizagem de um idioma e as questões de gênero como a perspectiva de ensino aprendizagem, e que essas questões podem promover, no espaço escolar, no sentido de equalizar a perspectiva de gênero.

Desta forma, o movimento de mulheres teve uma conotação determinante para a discussão dos direitos, conforme menciona Marcia Theresa Couto; Gomes Romeo (2012 p. 2571),

No Brasil, as políticas públicas de gênero foram gestadas no final da década de 1970 no contexto mais amplo da redemocratização do Estado e da luta pela melhoria da qualidade de vida e trabalho. Neste cenário, o movimento de mulheres e a participação das delas nos movimentos sociais e partidos políticos potencializaram a discussão sobre a assimetria de poder entre os dois gêneros nos espaços público e privado.

Outros movimentos foram aparecendo, pois as mulheres agora lutavam por direitos iguais. Como por exemplo: na indústria a força do trabalho feminino era desvalorizada, com salários inferiores. E diante dessa injustiça começam a surgir novos protestos, conforme citação abaixo:

Depois do fim da I Guerra Mundial, após muitos protestos, a proteção ao trabalho da mulher passou a ser preocupação dos homens públicos em nível internacional. O Tratado de Versalhes, em 1919, do qual os países que participaram do grande conflito mundial eram signatários, recomendou salário igual para trabalho igual, sem distinção de sexos. (GROSSI; GARCIA; MAGRINI, 2015, p.18)

Os movimentos sociais causaram grande repercussão no cenário mundial e brasileiro, e principalmente no político, pois a mulher ainda era discriminada na vida pública. E hoje sabemos que essa luta ainda é constante pois ainda convivemos com alguns padrões patriarcais.

Diante de tantos nomes nesse cenário que tiveram grande contribuição para a luta por igualdade, podemos destacar Bertha Lutz - pioneira nas lutas feministas no século XX.

Para Bertha, a escola tem de ser um espaço prazeroso, um espaço de organização do pensamento e a educação secundária é direito também das mulheres, até então privilégio dos homens. Foi nesse cenário que ela teve grande repercussão, pois ela vê na instrução o caminho para a evolução dos indivíduos e o progresso da nação.

Mais tarde graduou-se como advogada na Faculdade do RJ para poder entrar na vida pública, como podem observar abaixo:

Muitas mudanças na esfera doméstica refletem mudanças nas relações de gênero, mostrando a mulher menos confinada ao lar, o homem mais comprometido na esfera doméstica e na paternidade, o que acaba gerando novas configurações familiares e a revisão de papéis sexuais.(PCN, 2000, p.304)

Apesar da repressão cultural sofrida por essas bravas guerreiras, inconformadas pela desigualdade praticadas até então; provenientes de padrões ainda conservadores, o movimento feminista impulsionou o desenvolvimento de novas teorias e abriu novos campos de investigação, fazendo com que a perspectiva de gênero fosse vista com respeito e igualdade de direitos.

Pelo que a história nos apresenta, vemos que a natureza não fez as mulheres inferiores aos homens, e que assim como eles as mulheres possuem capacidade e talento para participar ativamente no campo científico. Podemos afirmar que as disparidades de gênero são decorrentes da repressão cultural sofrida pelas mulheres. (MOREIRA, H. et al. 2010, p.10)

Define-se então que, desde muito tempo ainda questionamos a necessidade de provar direitos e consegui-los perante uma cultura machista a qual nós de uma forma indireta, as vezes paramos de lutar por receio à convenções, até mesmo em nosso ambiente escolar em função de nossos próprios colegas. E que essa desigualdade de gênero ao acesso igualitário, que ainda se propaga nos tempos atuais, seja trabalhado e problematizado no nosso cotidiano.

CAPÍTULO 2

2 METODOLOGIA

Este capítulo trata dos métodos, procedimentos e técnicas que foram desenvolvidos para esta pesquisa. O mesmo está dividido em três partes. A primeira parte trata da definição e explicação sobre pesquisa qualitativa.

Conforme Strauss (1998, p.23), “Com o termo “pesquisa qualitativa” queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação”. São relatos, emoções, sentimentos e experiências vividas a partir do cotidiano.

A segunda parte apresenta o contexto da pesquisa que menciona informações sobre a escola, e a turma analisada, e, finalmente, a terceira parte descreve os instrumentos e procedimentos de coleta de dados.

A intenção da pesquisa qualitativa é buscar e descrever a complexidade de um determinado problema e analisar as causas do desinteresse do(a) aluno(a) em uma determinada disciplina, e que serão retratados por meio de relatórios.

Nesse sentido, pode-se dizer que pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados por intermédio de atitudes como argumentação, testemunhos e ou depoimentos e dados empíricos. Utiliza-se de procedimentos descritivos que possibilitem analisar as falas, os discursos, os escritos, os dados, de forma a relacionar as informações com a realidade do contexto social. (GONÇALVES, et all , p.38, 2011).

Ainda, fundamentar que tal pesquisa tem um caráter exploratório, familiarização da situação relatada, pois a problematização é conceituada por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos, como as opiniões e comentários dos(as) entrevistados(as). Neste caso os(as) alunos(as) do 6º ano 3, vespertino da Escola pública Olavo Bilac de Pirabeiraba na cidade de Joinville/SC.

Fazer uma pesquisa significa aprender a pôr ordem nas próprias ideias. Não importa tanto o tema escolhido mas a experiência de trabalho de pesquisa. Trabalhando-se bem não existe tema que seja tolo ou pouco importante. A pesquisa deve ser entendida como uma ocasião única para fazer alguns exercícios que servirão por toda a vida. O trabalho de pesquisa deve ser instigante, mesmo que o objeto não pareça ser tão interessante. O que o verdadeiro pesquisador busca é o jogo criativo de aprender como pensar e olhar cientificamente. (GOLDENBERG, p.67,2004)

Por meio desta pesquisa pude compreender e interpretar o comportamento e realidade desses(as) alunos(as) e ainda que, na pesquisa qualitativa, encontro significados que me orientam para a compreensão da problematização, e razões para determinados comportamentos e situações.

Conforme Oliveira (2010, pg. 23): "A observação é o instrumento que mais fornece detalhes ao pesquisador, por basear-se na descrição e para tanto utilizar-se de todos os cinco sentidos humanos. Sendo observação e a entrevista os instrumentos mais utilizados em pesquisa qualitativa, bem como o questionário."

Os instrumentos utilizados na metodologia foram cinco: levantamento bibliográfico⁷, observação das aulas, aplicação do questionário, oficina e exibição de vídeos.

2.1 Contexto de Pesquisa

Os dados nesta pesquisa foram coletados na escola de Educação Básica Olavo Bilac que fica localizada no Distrito de Pirabeiraba na cidade de Joinville-SC e conforme informações do site da Prefeitura de Joinville (IPPUJ), o distrito de Pirabeiraba⁸ compõe o seguinte:

Área: 6,09 km²

Distância do Centro: 11,42 km

Criação do Bairro: Lei nº 1.526, de 5 de julho de 1977.

População 2014: 4.466 habitantes

Densidade demográfica: 733 hab./ km²

Rendimento Médio Mensal em Salários Mínimos: 2,15 sm/mês.

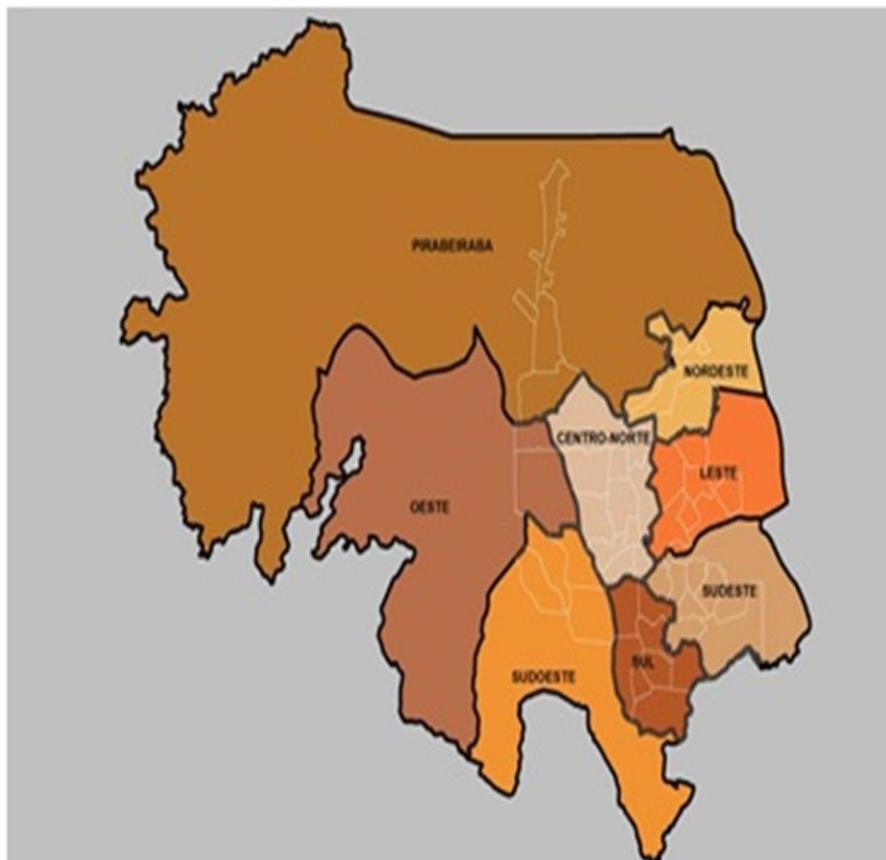
Unidade Administrativa: Subprefeitura Distrital de Pirabeiraba

Pode-se observar o mapa da cidade de Joinville com destaque para o Distrito de Pirabeiraba.

⁷ foram coletadas informações bibliográficas no Scielo, na Biblioteca e no PPP (Projeto Político Pedagógico), consulta na Internet e no IPPUJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville, censo de 2015)

⁸ O distrito de Pirabeiraba, localizado na zona nordeste de Joinville, é também conhecido como zona industrial, atualmente com 154 anos. Este bairro era conhecido como Pedreira, em homenagem ao Conselheiro Luiz Pedreira de Couto Ferraz que veio inspecionar a obra da construção da Estrada Dona Francisca, recebendo em 15 de abril de 1859, de Léonce Aubé, na época diretor da Colônia Dona Francisca, a doação de um lote de 500 braças quadradas. A partir da Segunda Guerra Mundial, seu nome foi alterado para Pirabeiraba, com o objetivo de não ser confundida com uma cidade da vila do Estado de São Paulo que também tinha o nome de Pedreira. A denominação de Pirabeiraba originou-se do nome do rio que corta a região e quer dizer "peixe brilhante" em tupiguarani. (Joinville Bairro a Bairro-IPPUJ-2015,pg.71)

Figura 1-Mapa Bairro Pirabeiraba



Fonte: http://adilsongirardi.blogspot.com.br/2013_01_01_archive.html

Conforme dados coletados do PPP, “em 07 de Setembro de 1938, no distrito de Pirabeiraba, município de Joinville, foi fundado o grupo escolar “Olavo Bilac. Recebeu essa denominação em homenagem a Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, orador brilhante e poeta consagrado, considerado o Príncipe dos Poetas Brasileiros.”

De acordo com a Gerência de Educação de Joinville, atualmente a Escola Olavo Bilac, conta com 704 alunos, de 6º ano até o Ensino Médio, e estão divididos em três turnos. Sendo que no Ensino Fundamental - anos finais 6º ao 9º ano frequentam 348 alunos, e no Ensino Médio 356 alunos.

Todos estes 704 alunos têm a disciplina de Inglês como segunda língua, mas somente o 6º ano 3 do período vespertino foi escolhido para a realização desta pesquisa, haja vista, conforme relatos da professora de Inglês, ser uma turma bastante agitada, e com um número menor de meninas.

A escola Olavo Bilac, Possui 03 (três) 6º anos, 02 (dois) no período Matutino e 01 (um) no período Vespertino.

2.2 Participantes do Estudo

Todos(as) os(as) 25 (vinte e cinco) alunos(as) do 6ºano 3, 15 (quinze) meninos e 10 (dez) meninas, com idade entre 11 (onze e 13 (treze) anos, no período Vespertino¹¹, 5ª. aula.

2.3 Coleta de Dados

A pesquisa foi realizada com a turma do 6º ano 3 do período Vespertino, durante 04 (quatro) semanas, sendo 01 (uma) aula por semana com duração de 45 minutos. Participaram 25 (vinte e cinco) alunos(as), 15 (quinze) meninos e 10 (dez) meninas, com idade entre 11 e 13 anos.

Esses dados foram obtidos por meio de um questionário e também de uma oficina sobre: sonhos, importância do Inglês e afazeres domésticos. A partir disso, pude mensurar e relatar até que ponto o gênero e o estudo de um idioma interferem para a realização e construção de seus sonhos.

¹¹ Na escola Olavo Bilac o horário no período Vespertino começa (13:00h às 17:00h)

O questionário como instrumento de pesquisa se compõe de perguntas objetivas e abertas em português, para que os(as) alunos(as) possam se expressar facilmente. Foi aplicado em 25 (vinte e cinco) alunos (as) do 6º ano 3, da Escola¹² Estadual Olavo Bilac, do período Vespertino, sendo 15 (quinze) meninos e 10 (dez) meninas.

A coleta de dados para esta pesquisa ocorreu por meio de questionário e oficina, e tais atividades foram desenvolvidas no período vespertino com duração de 04 (quatro) semanas, sendo uma aula de 45 minutos por semana, totalizando 180 minutos.

No entanto, durante essa coleta os instrumentos avaliados foram: equidade de gênero e interesse pelo estudo da Língua Inglesa, os quais nortearam minha pesquisa e análise.

O questionário foi elaborado por questões discursivas, ou seja, os(as) alunos(as) teriam que escrever as respostas, permitindo uma autonomia maior, e facilidade nas opiniões dos(as) alunos(as) envolvidos(as).

Como mencionado, foram 25 (vinte e cinco) aluno(as) do 6º ano 3 da Escola Pública do Distrito de Pirabeiraba e que tais observações aconteceram em 04 (quatro) aulas no 6º Ano 3 nos meses de setembro e outubro do corrente ano.

No entanto, o primeiro questionário tinha como objetivo analisar a rotina do(a) aluno(a), visando identificar aspectos referentes à equidade de gênero e o interesse pela Língua Inglesa.

O segundo método de pesquisa foi uma oficina, relacionada atitudes de meninos e meninas face conceitos provenientes de uma construção social machista.

Vale ressaltar que antes do questionário e da oficina, foi dada uma explicação com relação ao objetivo do meu trabalho, sobre os projetos de vida desses(as) alunos(as).

Pode-se verificar tais complexidades e diferenças conforme Velho (2003, 97) : “A complexidade e a heterogeneidade moderna contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida”. (VELHO,2003, pg. 97), e que cada indivíduo é singular, e que as práticas no seu cotidiano, influenciam na sua trajetória. O meio em que o(a) aluno(a) habita tem grande papel para a sua formação.

E é nesse viés que a escola procura enquanto espaço democrático e norteador, desconstruir essa concepção engessada por valores machistas.

¹² Gostaria de agradecer a Diretora da Escola Olavo Bilac Sra. Roseli Cruz dos Santos Noga e a Professora de Inglês Sra. Elenise Cristiane de Espindola do 6º. Ano 3, do período Vespertino, que contribuíram para que eu pudesse desenvolver essas atividades. Com relação a professora da disciplina de Língua Inglesa, percebeu-se que a mesma foi bastante colaborativa para que eu pudesse elaborar o trabalho no período de suas aulas.

Também na intenção de explorar mais estas questões, passei um vídeo com duração de 21 minutos e 38 segundos do Sea World cujo o nome do espetáculo é Shamu¹³, “Believe¹⁴”. Após esse vídeo, foi feito um debate sobre sonhos e importância de se falar uma outra língua, pois a necessidade de se falar uma outra língua, nesse vídeo faz-se importante, haja vista não ter legendas.

¹³ Shamu é o nome artístico que o Sea World usa para qualquer Baleia Assassina adulta (macho ou fêmea) nos seus shows e o seu nome tem origem na primeira Orca que foi capturada, chamado Namu. Ele ganhou esse nome porque foi capturado perto de uma cidade de mesmo nome. Quando o Sea World deu as boas vindas à sua primeira Baleia Assassina, a chamou de Shamu (SHE + NAMU) pois ela seria a companheira de Namu. Disponível em > <http://momentosmagicosorlando.blogspot.com.br/2011/04/tudo-sobre-shamu.html> > Acesso em :09 de Outubro de 2016.

¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=Uh5Eigt_dhQ

CAPÍTULO 3

3 ANÁLISE DOS DADOS

Essa pesquisa foi realizada com 25 alunos (as), 15 (quinze) meninos e 10 (dez) meninas. Utilizei como instrumentos de pesquisa um questionário e uma oficina, os quais relato a seguir:

Sabendo que meninos e meninas desse ano têm olhares distintos, surgem questionamentos como organizar uma aula dentro desta desigualdade, para que a mesma torne-se motivadora e compreender / entender por meio destas atividades o motivo do desinteresse no aprendizado.

Assim, para que houvesse um melhor entendimento dessas atitudes, fez-se necessário uma entrevista com relação a rotina desse(a) aluno(a) nas tarefas de casa (quem faz o quê), e assim poder captar exemplos das suas rotinas domésticas para então alcançar um entendimento das dificuldades encontradas com relação ao ensino da Língua Inglesa, a partir dessa desigualdade.

A proposta foi utilizar as rotinas domésticas da criança e respectivos familiares e provocar a oportunidade de refletir sobre sua própria cultura, sobre seus direitos.

No entanto, tudo isso ofereceu embasamento para o trabalho em questão, por meio de questionários e oficinas e pode mensurar níveis de dificuldades encontradas no cotidiano desse(a) aluno(a).

Segundo Mareli Graupe; Regina Bragagnollo (2015, p.12), “entender a educação conforme as possibilidades de mudanças, transformações implica em abandonar certos valores, preconceitos, discriminações, [...]”

Desta forma, o exemplo abaixo é uma evidência clara de que nós ainda temos muito forte, conceitos sobre do que é para menina e do que é para menino.

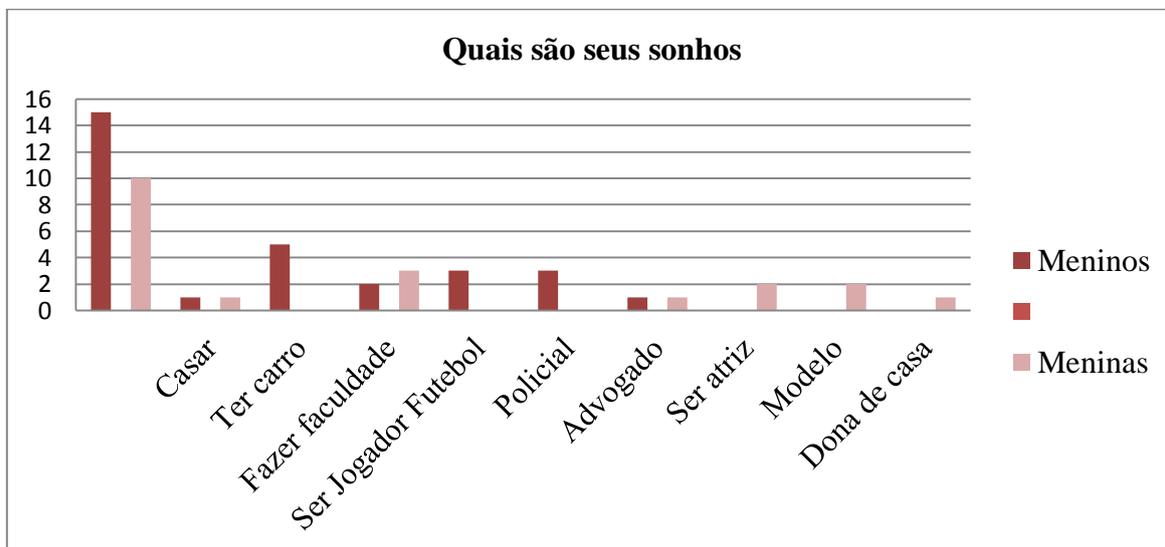
Tendo em vista que o conhecimento dessa desigualdade, dará suporte para o desenvolvimento do aprendizado, e possíveis aberturas para novas interpretações do saberes.

3.1 Descrição e Análise dos Dados obtidos com os alunos

A seguir apresento gráficos os quais abordo as questões exploradas em sala de aula tanto a partir dos questionários quanto com relação a dinâmica utilizada.

Foram analisadas as respostas do questionário aplicado com os alunos e alunas desse 6º. ano, sobre sonhos, projetos de futuro como: casar, ter carro e ter uma profissão.

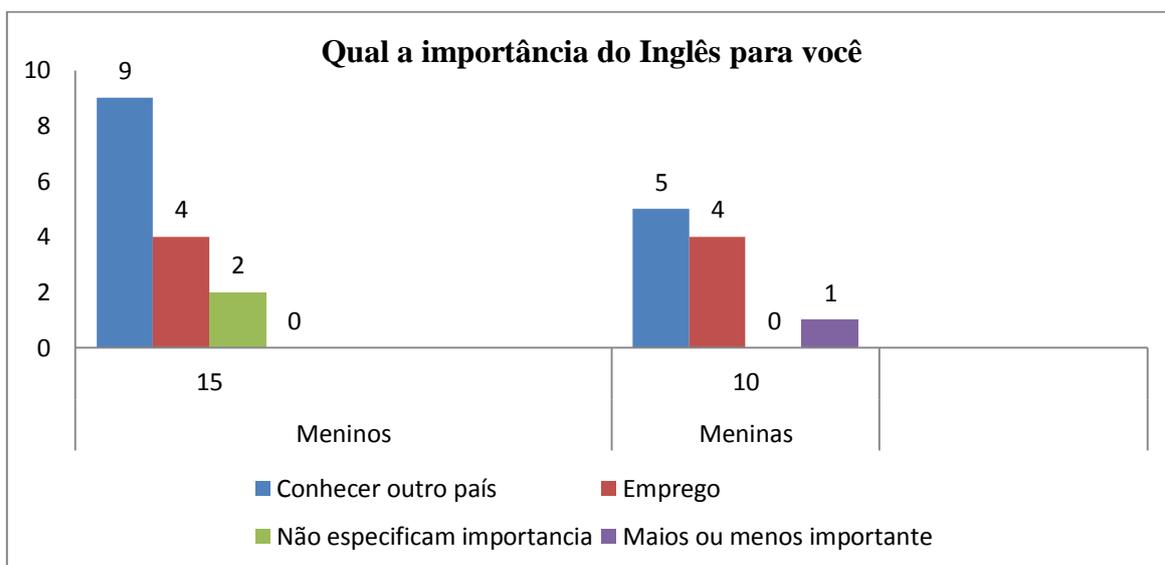
Gráfico 1- Quais são seus sonhos



Ficou evidente a construção de sonhos, objetivos, e partindo dessa premissa de projetos, fica mais fácil a proposta da importância da Língua Inglesa.

Com relação a importância do Inglês para esse(a) aluno(a), pode se verificar o seguinte:

Gráfico 2- Qual a importância do Inglês para você



A maioria respondeu para poder conhecer outro país. E outros para ter um emprego melhor. Foi fundamental esta questão, pois questiona sobre a importância que estes alunos(as) atribuem a língua estrangeira. A pergunta deu oportunidade de dos(as) mesmos(as) responderem sobre a relevância do inglês para viagem, socialização e emprego.

O item mais respondido pelos meninos foi conhecer outro país, 09 (nove) consideram que o inglês é importante para a comunicação com outras pessoas do exterior.

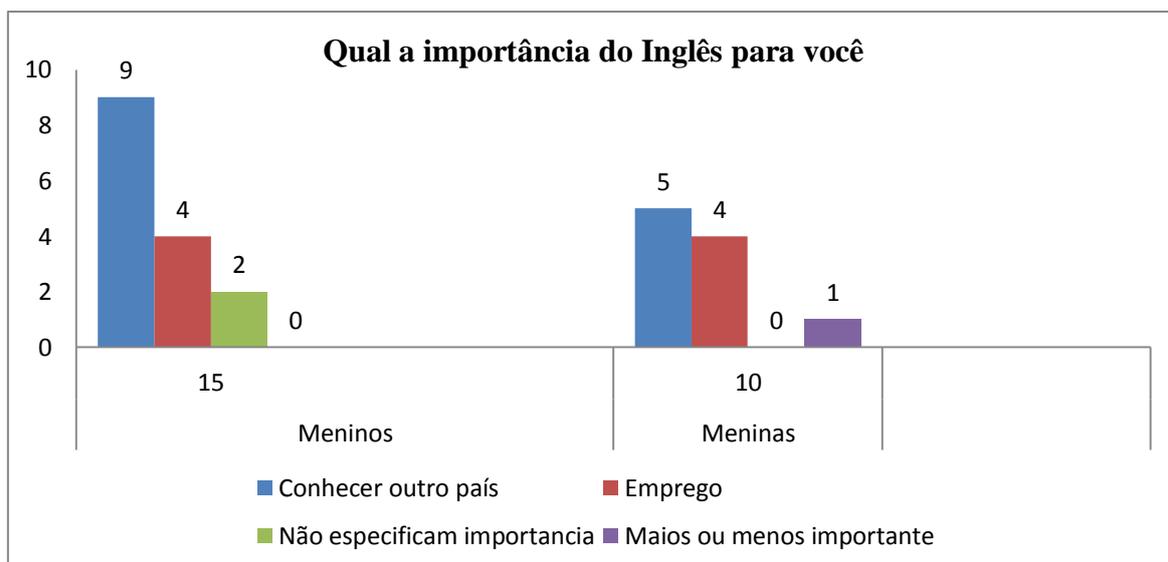
O segundo foi emprego 04 (quatro), ou seja, consideram que o inglês é importante para poder ter uma qualificação melhor no trabalho. Apenas 02 (dois) meninos alegaram ser importante o estudo da língua inglesa, porém, não especificaram o porque dessa importância. Já as meninas deram as seguintes respostas:

O item mais respondido pelas meninas foi conhecer outro país 05 (cinco) responderam ter essa importância.

O segundo item foi a questão do emprego, 04 (quatro) acham de extrema importância para poder ter um emprego melhor. Apenas 01 (uma) menina respondeu ser mais ou menos importante, porque acha muito difícil.

A terceira análise foi com relação a distribuição de tarefas na casa desse(a) aluno(a), então foram enumeradas rotinas de atividades domésticas.

Gráfico 3- Distribuição de tarefas na sua casa



Dos 25 (vinte cinco) alunos(as) sendo 15 meninos e 10 meninas responderam:

Todas as meninas arrumam suas camas, enquanto que os meninos dos 15 (quinze) 10 (dez) arrumam suas próprias camas.

Percebe-se aqui de acordo com as informações, uma construção social machista de

alguns meninos em não arrumarem suas camas, tarefa destinada de acordo com as informações fornecidas pelos mesmos, a suas irmãs e ou mães.

Neste sentido, Mareli Graupe e Regina Bragagnollo (2015, p.17) afirmam que: “assim, podemos dizer sobre a importância da percepção da escola quanto a temas cotidianos que surgem em seus ambientes e que necessitam ser problematizados,[...]”.

E essa problematização deve fazer parte do cotidiano escolar, já que a escola é o lugar para que haja essa transformação de direitos e respeito ao ser humano.

Dos 15 (quinze) meninos, apenas 05 (cinco) mencionaram que lavam roupa, e as meninas das 10 (dez), 05 (cinco) afirmaram que lavam roupas.

Dos 15 (quinze) meninos, 04 (quatro) afirmaram cuidar de seus irmãos e 4(quatro) afirmaram não terem irmãos para cuidar. E das meninas de 10 (dez) 06 (seis) cuidam de seus irmãos e 01 (uma) não tem irmão para cuidar.

Dos 15 (treze) meninos, 04 (quatro) afirmaram cozinhar e das 10 (dez) meninas 05 (cinco) cozinham para ajudarem suas mães.

Buscou-se verificar nesta terceira questão, quais as rotinas com relação a distribuição das tarefas de casa, tanto menino quanto meninas.

Esse questionário composto de 03 (três) perguntas, pode ser considerado relevante para a pesquisa, pois teve bastante especificidade com relação a questão do gênero.

Esse(a) aluno(a) sonha, mas ainda não consegue saber qual trajeto seguir. Ele(a) precisa de exemplos e de um norte. E isso está embasado em minhas observações e reflexões com relação ao ensino-aprendizagem da língua inglesa na rede pública e a equidade de gênero.

Baseado na análise, pude verificar que o Inglês faz parte do cotidiano e que aprender esta língua lhe trará novas perspectivas intelectuais e até mesmo sociais. E esse entendimento se dará através da ruptura ainda tão fragmentada nesse espaço real vivido por esse(a) aluno(a), que necessita de um olhar mais singular, focado mais em suas construções sociais.

3.2 Resultados

Gráfico 4- Quais são seus sonhos

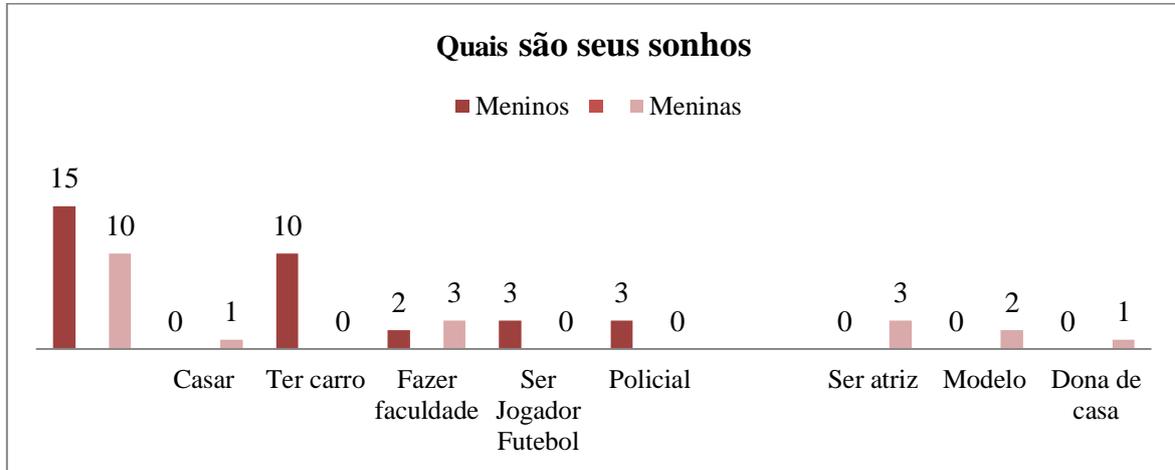


Gráfico 5- Importância do Inglês

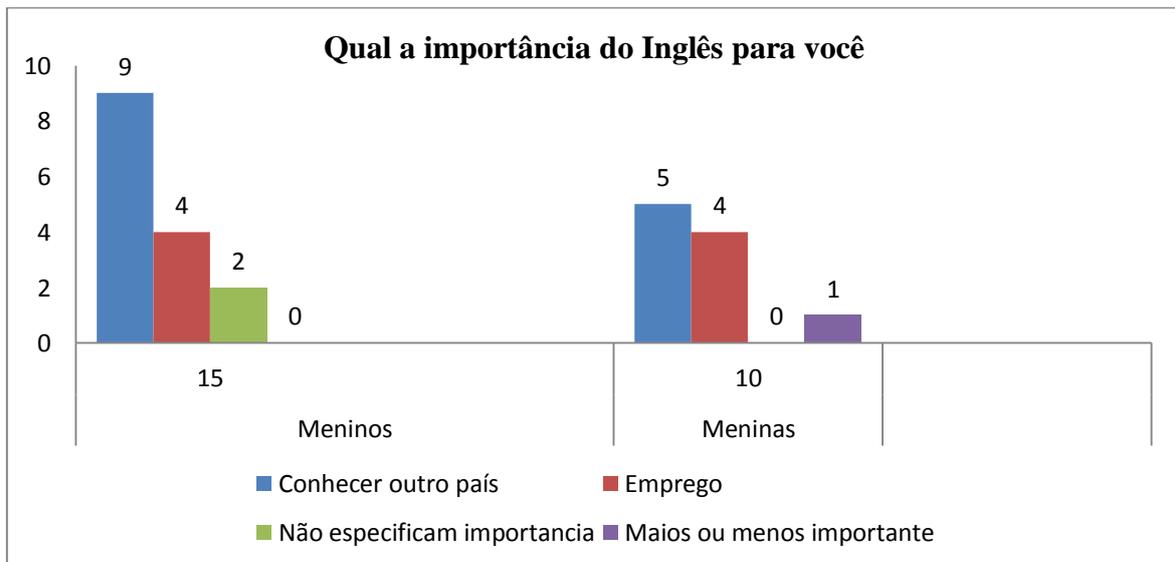
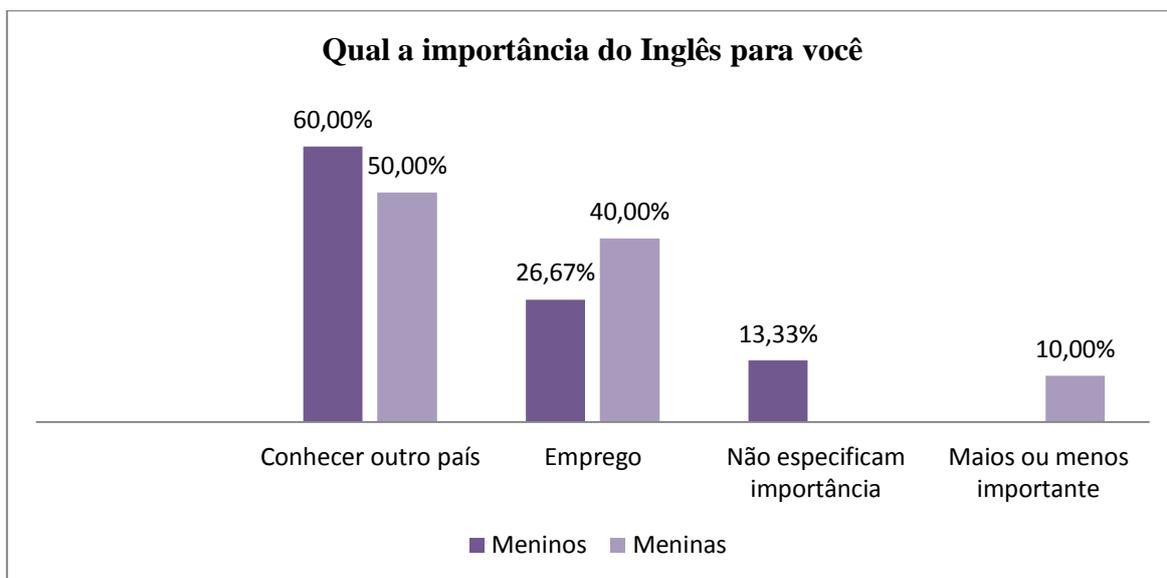


Gráfico 6- Qual a importância do Inglês para você-Percentual

Fica explicito o quanto os meninos demonstram ter mais interesse em conhecer outro país que as meninas. No entanto, com relação a importância do Inglês para o emprego, as meninas consideram num percentual maior essa necessidade.

Gráfico 7- Distribuição de tarefas na sua casa

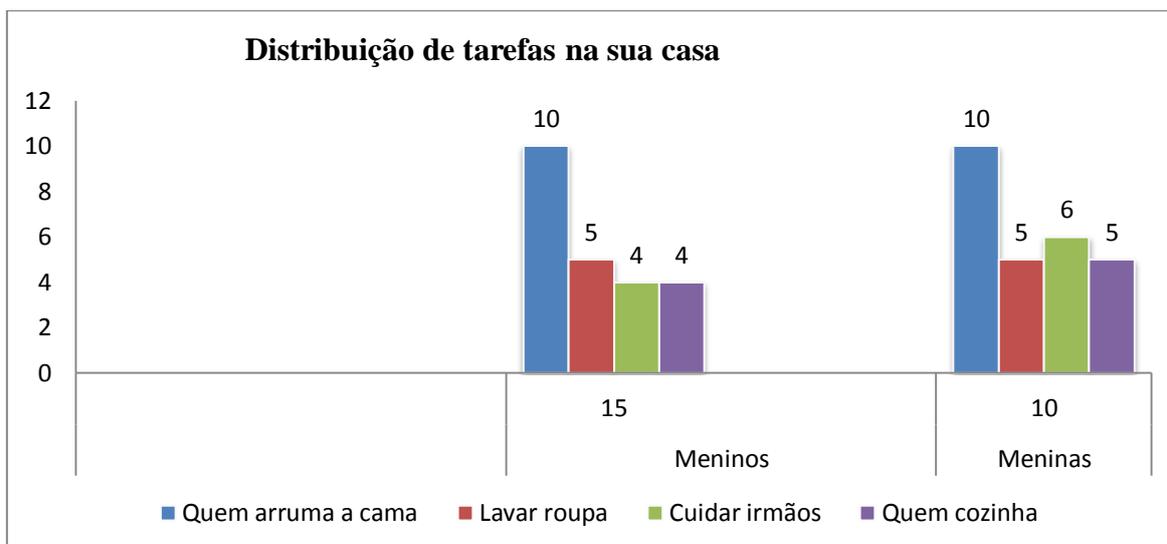
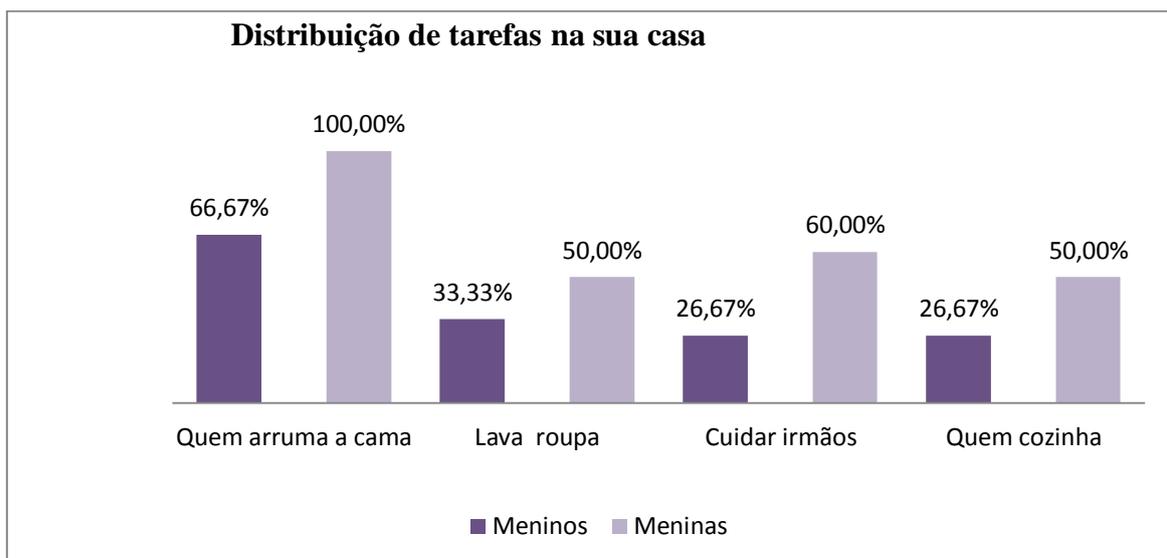


Gráfico 8- Distribuição de tarefas na sua casa- Percentual



Neste gráfico, “distribuição de tarefas na sua casa”, as meninas em um percentual maior, efetuam essas atividades no dia a dia.

Então, pode-se definir que as questões de gênero, ainda predominam no contexto diário desses(as) alunos(as).

No entanto, entende-se que o desejo de estudar inglês e de achar uma língua importante estão presentes no processo de aprendizagem dos(as) alunos(as).

A chave principal desse questionário é que todos têm sonhos, objetivos e a partir desse quesito pode-se traçar um perfil da turma, que é saber da importância de se estudar uma outra língua, neste caso a Língua Inglesa.

A razão pelo qual têm interesse em estudar essa língua, está relacionada em a mesma proporcionar um emprego melhor e a possibilidade de conhecer outro país. São capazes de observar através de suas respostas, que o estudo da Língua Inglesa é uma ferramenta importante para conseguir um bom emprego, uma ascensão social.

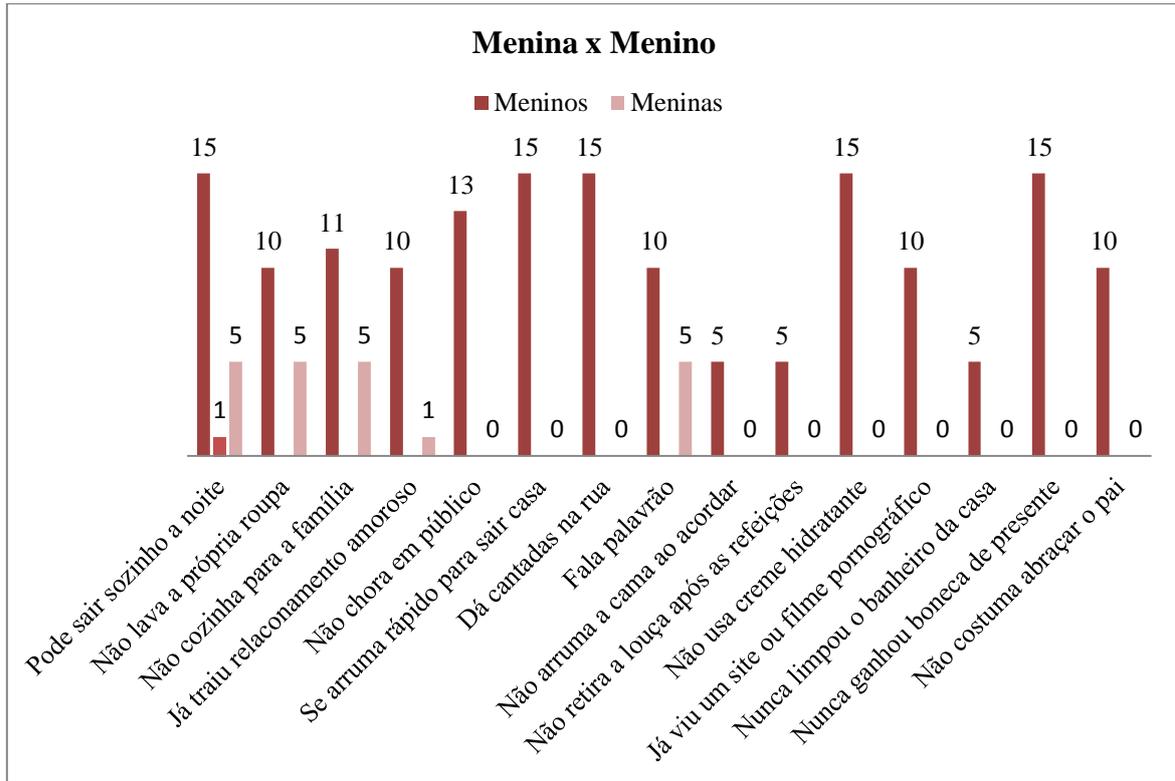
Fica explícito que o número de meninas que têm afazeres domésticos é maior que os meninos, perpetuando alguns resquícios de educação voltada a questão de gênero, quem faz o que.

Considerando que o Inglês se tornou uma língua disseminada mundialmente de extrema importância para a comunicação entre as pessoas, e apesar desses(as) alunos(as) do 6º. ano 3 da escola Olavo Bilac terem alguma influências do seu cotidiano, os(as) mesmos(as) não deixam de ter interesse em aprender a Língua Inglesa.

No entanto, no que diz respeito a questão de gênero, apesar do número de meninas em exercer funções domésticas ser maior que o dos meninos, não afeta no interesse em estudar inglês e achar importante para construção de seus sonhos.

Foi também realizada uma oficina com relação o cotidiano desses meninos e meninas, conforme abaixo:

Gráfico 9- Menina x Menino



Baseado na análise, ficou explícito o quanto ainda eles(as), têm conceitos provenientes de uma construção social de gênero do que se deve ou não fazer.

As meninas são convencidas ainda à educação formatada em “o que elas não podem fazer”, pois são atitudes ofertadas somente a meninos e que alguns padrões sociais ainda estão engessados.

Desta forma, a escola como mediadora; pode fazer essa ruptura através do ensino da língua inglesa, mostrando que esse entendimento se dará nesse espaço real vivido por esse(a) aluno(a), que necessita de um olhar mais singular, focado mais em suas construções sociais.

Terminada essa dinâmica, pode observar como há a propagação dessas atitudes construídas socialmente e replicada de alguma maneira na escola, conforme resultados obtidos no gráfico acima.

3.3 Cuidados Éticos

De acordo com a resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, fica estabelecido que para a realização deste estudo foram respeitados todos os preceitos éticos determinados

pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) através do cumprimento das exigências do TCLE (Apêndice 2), por meio do direito de informação do indivíduo e respeito à liberdade dos participantes para que pudessem, a qualquer momento, desistir do estudo.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi de verificar questões relacionadas ao ensino da língua inglesa numa escola pública da cidade de Joinville/SC.

A metodologia utilizada (questionário e oficina), pode traçar o perfil desse 6º. ano, e analisar a relação entre a aprendizagem de um idioma e as questões de gênero, bem como a perspectiva de ensino/aprendizagem que um outro idioma pode promover no espaço escolar; levando e reavaliando projetos de vida destes / destas alunos e alunas.

Acredito que o número de questionário foi o suficiente, assim como a oficina também, pois a sala contém 25 alunos(as) e nessas quatro semanas de observação, aplicação questionário e oficina, os mesmos não faltaram, o que facilitou a análise. O tempo de investigação e observação foi de acordo com o planejado, mesmo sendo período de fechamento de bimestre .

Com relação a metodologia, seria interessante para o futuro, aplicar o questionário às famílias desses(as) alunos(as), pois fortaleceria mais com relação a coleta de dados.

Este trabalho de pesquisa foi relevante, pois pode se constatar neste contexto desse 6º. ano 3 da Escola pública Olavo Bilac no Distrito de Pirabeiraba-Joinville-SC, as situações adversas vividas fora do contexto escolar no que diz respeito a gênero menina e menino.

O objetivo dessa pesquisa foi verificar a questão da dificuldade em aprender Inglês no Ensino Fundamental, dos(as) alunos(as) do 6º. 3 da Escola da rede pública Olavo Bilac do distrito de Pirabeiraba Joinville, e analisar a relação entre a aprendizagem e os fatores desmotivacionais que levam esses(as) alunos(as) ao desinteresse, sendo um deles as questões de gênero no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

AYED, Choukri Bem. **As desigualdades Sócio espaciais de acesso aos saberes: Uma perspectiva de Renovação da Sociologia das desigualdades escolares.** Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 783-803, jul.-set. 2012 Disponível em : <<http://www.cedes.unicamp.br/> > Acesso em 17 jun.2016

BARBARA, Leila e Rosinda de Castro Guerra RAMOS (orgs) 2003. **Reflexão e Ações no Ensino-Aprendizagem de Línguas.** Campinas, SP: Mercado de Letras. Coleção As Faces da Linguística Aplicada, 367 p.

BOTTOS, Juliana. **O professor da escola pública sob o estigma da incompetência.** 2008. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá/PR, 2008.

CARRARA, Sérgio et al. (org.) - **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade** / Rio de Janeiro : CEPESC ; Brasília, DF : Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. 5v. __126 p. ISBN 978-85-89737-15-9 1. Educação. 2. Gênero . 3. Sexualidade. I. Barreto, Andreia. II. Manica, Daniela. III. Zanetti, Julia. IV. Araújo, Leila. V. Carrara, Sérgio. VI. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. VII. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.(pg. 01 a 126)

CARRARA, Sérgio et al. (org.) - **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras /es em gênero, Orientação sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009- Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília :SPM,2009

CHAGAS, Lucas Araujo. **O uso de ferramentas da internet no ensino de Língua Inglesa e seus reflexos na inclusão social de alunos de escolas públicas.** Universidade Federal de Uberlândia- ano 2013-Vol. 6- nr.01

COUTO, Marcia Thereza; GOMES, Romeu. **Homens, saúde e políticas públicas: a equidade de gênero em questão Men, health and public policies: gender equality in question-** Ciência & Saúde Coletiva Print version ISSN 1413-8123-Ciênc. saúde coletiva vol.17 no.10 Rio de Janeiro Oct. 2012
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001000002> (2569-2579)

FREITAS, Carla Patrícia de Carvalho e. **A necessidade da Língua Inglesa no Mundo Globalizado-** FINOM-Faculdade do Noroeste de Minas-São Francisco-MG,2010 Disponível em <<https://carlaingles.wordpress.com/2013/03/10/projeto-de-pesquisa-a-necessidade-da-lingua-inglesa-no-mundo-globalizado/> Acesso em : 20 de outubro de 2016

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade.** Universidade Estadual de Campinas Universidade Nove de Julho -Trabalho encomendado pelo Grupo de Trabalho Movimentos Sociais e Educação, apresentado na 33ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Caxambu (MG), de 17 a 20 de outubro de 2010.Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar- Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais-** 8ª. Ed. Editora Record RJ –SP- 2004

GONÇALVES, Mônica Lopes; BALDIN, Nelma et al. **Fazendo pesquisa : do projeto à comunicação científica-** 3. Ed – Joinville-SC Editora Joinville, 2011

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regina. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli; MAGRINI, Pedro Rosas. **A importância dos movimentos sociais na luta pela igualdade de gênero.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livros didáticos

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores Sociais na formulação e avaliação de Políticas Públicas.** Este texto foi elaborado para finalidades didáticas a partir de outro já publicado na Revista Brasileira de Administração Pública, Rio de Janeiro, v.36(1):51-72, jan/fev 2002, além do livro Indicadores Sociais no Brasil. Campinas: Ed. Alínea, 2001. 2 Professor da ENCE/IBGE e da PUC-Campinas

LIMA, Diógenes Cândido de. **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares.** São Paulo: parábola Editorial, 2011.

MAIA, Maria Licia de Souza. **Língua inglesa no ensino fundamental: A relação aprendizagem e fatores desmotivacionais .** Universidade do estado da Bahia-UNEB departamento de educação- Campus XIV Letras com habilitação em Língua Inglesa- Conceição do Coité- BA- 2012

MOREIRA, H. et al. **Mulheres pioneiras nas Ciências: Histórias de Conquistas numa Cultura de Exclusão:** In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8 ,Curitiba, 2010. Anais eletrônicos Curitiba, UTEP, 2010. p. 01-11. Disponível em: <http://200.134.25.85/eventos/cictg/conteudo_cd/art_todos.html>. Acesso em: 28 ago. 2015

OLIVEIRA, Almir Almeida de . Observação e entrevista em pesquisa qualitativa. Universidade Federal de Alagoas, 2010.

PAULA, Dra. Luciane Guimarães de. **Dificuldades Inerentes ao Processo de Ensino e Aprendizagem Da Língua Inglesa:** Contribuições para a formação de professores de Línguas (Departamento de Letras da UFG-Catalão)
luciane_sguimaraes@hotmail.com. Recebido em: 28/11/2014 – Aprovado em: 16/01/2015 – Publicado em: 31/01/2015

PCNs. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006. Disponível online: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 10 de Novembro de 2016.

RICCI, Rudá. **Novas parcerias da escola: Relação com os Movimentos Sociais**. Ciclo de Conferências da Constituinte Escolar, 2000.

ROSA, Sabrina Hax Duro. **Aprendizagem de Língua Inglesa e Inclusão Digital: Uma Interface em busca do desenvolvimento sociocultural de alunos da escola pública em situação de risco.** III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS) DILEMAS E DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE

SACRAMENTA, Leliane de Vasconcelos. **A Importância do ensino da língua inglesa no ensino fundamental maior**. Faculdade da Grande Fortaleza- Curso de pós-graduação Especialização em Educação Metodologia de ensino da língua inglesa. Breves-CE -2011

SOUZA, Iranilde dos Santos Rocha. **Análise de Necessidade para o Ensino de Língua Inglesa na Escola Pública**. Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira- Ano V- nr.07, setembro de 2012-ISSN- 1983-1985

Disponível em: < <http://pt.wikihow.com/Fazer-uma-Pesquisa-Qualitativa>> Acesso em : 14 de agosto de 2016

STRAUUS, Anselm. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**/ Anselm Strauss, Juliet Corbin : tradução Luciane de Oliveira da Rocha – 2. ed. – Porto Alegre : Artmed, 2008, p.288 ISBN 978.85.363.1043-5

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas** (3a ed.).2003- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed

WOLFF, Carlos Castilho. **Como é ser menino e menina na escola: Um estudo de caso sobre as relações de gênero no espaço escolar**, Florianópolis, 2006.

APÊNDICE A – Questionário

Este questionário refere-se a pesquisa sobre o ensino da Língua Inglesa e fará parte da conclusão de curso “**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A EQUIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA OLAVO BILAC**”.

Perfil aluno(a)

Ensino fundamental 6°. Ano 3

Período: Vespertino

Idade: _____

() menino () menina

1-Quais são seus sonhos ?

2- Qual a importância do Inglês para você ?

3- Distribuição de tarefas na sua casa :

Quem arruma sua cama?

Quem lava roupa?

Quem cuida dos irmãos ?

Quem cozinha?

APÊNDICE B – Oficina

A reflexão a estimular é que, assim como no jogo, na sociedade existem regras estruturais que fazem os homens chegarem ao objetivo (a linha de chegada) e as mulheres ficarem na periferia.

É importante ressaltar que essas regras afetam negativamente tanto homens como mulheres, sendo essa a mensagem que tem que permear toda a oficina.

Data: 08.11.2016

Escola: Olavo Bilac

Professor: Rosineide Espindola Limas

Público Alvo: 6º.ano 3

Tema: Masculinidades

Período: Vespertino

Nº de turmas: 1

Nº de oficinas: 1

Nº de alunos: 25

Duração da oficina: 45 minutos

1. Roda de apresentação da equipe e da turma (20')

Em um grande círculo, a pessoa apresenta a outra pessoa, sentada ao seu lado direito com 3 características que a define. Por fim nos apresentamos. (10')

Em seguida, de forma dinâmica, é proposto a formação de subgrupos de acordo com a autoidentificação em relação a: idade, com quem vive, pratica esporte, relacionamento amoroso, identificação racial (branco, pardo, amarelo, negro), música (sertanejo, rock, funk, reggae, rap). (10')

2. Dinâmica “Jogo da vida” (30')

Marcamos no chão com fita adesiva uma linha de partida e uma de chegada. Toda a turma começa na linha de partida, e as pessoas irão avançando ou retrocedendo se sentem incluídas nas frases lidas pela dinamizadora. A ideia é

que os meninos cheguem à linha de chegada e as meninas não. Não é necessário ler todas as frases, mas é importante não exceder 15 minutos de jogo, para que haja tempo de discutir depois.

Dê um passo à frente se você:

1. Pode sair sozinho à noite
2. Não lava a própria roupa
3. Não cozinha para a família
4. Já traiu em um relacionamento amoroso
5. Não chora em público
6. Se arruma rápido para sair de casa
7. Dá cantadas na rua
8. Fala palavrão
9. Não arruma a cama ao acordar
10. Não retira a louça suja da mesa após as refeições
11. Não usa creme hidratante
12. Já viu um site ou vídeo pornográfico
13. Nunca limpou o banheiro de casa
14. Nunca ganhou uma boneca de presente
15. Não costuma abraçar o pai

Quando já houver uma distância significativa entre meninos e meninas, formamos um círculo e pedimos a todas/os que sentem no chão.

Perguntamos: “Quem avançou mais?”, e depois, “É justo que os meninos tenham avançado mais?”. A ideia é que eles e elas percebam que os meninos avançaram mais por causa das regras do jogo, que faziam com que as meninas tivessem poucas chances de vencer.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

Florianópolis, 28 Outubro de 2016

CARTA DE ACEITE

Mediante a CARTA DE APRESENTAÇÃO da aluna Rosineide Espindola Limas, matriculada no Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, já tendo concluído os créditos teóricos do curso e estando em fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo o tema é **O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A EQUIDADE DE GÊNERO**, eu Roseli Cruz dos Santos Noga, Diretora da Escola Olavo Bilac-Distrito de Pirabeiraba – Joinville-SC, autorizo o acesso da mesma no estabelecimento para o cumprimento de sua pesquisa acadêmica.


 Roseli C. Santos Noga
 Diretora

Portaria 273 - 18/02/2016

Carimbo e assinatura da Diretora

Desse modo, eu Olga Regina Zigelli Garcia na qualidade de coordenadora do curso de Especialização supracitado, também estou de acordo com a pesquisa da aluna, e saliento que essa parceria contribuirá substancialmente para o fortalecimento das pesquisas em educação.

Coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento



Profª. Drª. Olga Regina Zigelli Garcia
Coordenadora do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola